

A CONDIÇÃO DA PESSOA HUMANA NO ENVELHECER

THE CONDITION OF THE HUMAN PERSON IN AGING

A vida humana é uma passagem, e a terra não é uma casa perene para habitar, mas uma pousada, um refúgio onde paramos por algum tempo. Nesse refúgio passageiro, a sabedoria está em compreender e aceitar o inexorável fim, não do homem, mas do indivíduo.

Marco Túlio Cícero

Rosa Mendonça de Brito¹
Gisele de Brito Braga²

RESUMO: O trabalho tem sustentação em pesquisa teórica orientada pelos fundamentos da fenomenologia e como objetivo mostrar as percepções e compreensões sobre a velhice, ao longo da história, a partir das descrições do fenômeno velhice colhidas em diversos autores que tratam da questão. O olhar dirigido pela interrogação possibilitou destacar as unidades ou núcleos de significados que expressam as experiências vividas através de sistemas constituídos que deixaram a marca do sentido percebido pelas pessoas e, ao mesmo tempo, a marca da história e da cultura, trazendo à luz a questão da velhice como fato biológico, social e cultural, vivenciado em todos os tempos e espaços, independentemente da vontade humana; assim como mostrar que a condição dos velhos não foi e não é a mesma em toda parte e nem em todas as épocas, porque: nascer, crescer, envelhecer e morrer tem a ver com o ciclo da vida próprio do homem e dos demais seres vivos. Com amparo teórico, especialmente em Simone de Beauvoir e Cícero, procuramos demonstrar que o percurso dessa faixa etária, até a sua afirmação no imaginário cultural, está associada a momentos históricos, culturas, saberes médicos, movimentos políticos e interesses distintos, intimamente relacionados com o processo de ordenamento social e que por ser o resultado do prolongamento de um processo, uma realidade que transcende a história vivida de forma variável, conforme contexto social, a velhice só pode ser compreendida em sua totalidade, ou seja, com suas peculiaridades biológicas, psicológicas e sociais que modificam a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e com a sua própria história.

1

Palavras-chave: História. Velhice. Biológico. Social. Cultural.

ABSTRACT: The work is supported by theoretical research guided by the fundamentals of phenomenology and as objective to show the perceptions and understandings about old age, throughout history, from the descriptions of the old age phenomenon collected in several authors who deal with the issue. The look directed by the question made it possible to highlight the units or nuclei of meanings that express the experiences lived through systems that left the mark of the sense perceived by people and, at the same time, the mark of history and culture, bringing to light the question of old age as a biological, social and cultural fact, experienced in all times and spaces, regardless of human will; as well as showing that the condition of the old was not and is not the same everywhere and not at all times, because: being born, growing, aging and dying has to do with

¹ Professora do DTF/FACED/UFAM- Universidade Federal do Amazonas. Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho – RJ. E-mail: rosa.m.brito@uol.com.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Psicóloga da Secretaria de Educação e Desportos do Amazonas

the cycle of life proper to man and other living beings. With theoretical support, especially in Simone de Beauvoir and Cicero, we have demonstrated that the path of this age group, until its affirmation in the cultural imaginary, is associated with historical moments, cultures, medical knowledge, political movements and distinct interests, closely related to the process of social ordering and that because it is the result of the prolongation of a process, a reality that transcends history lived in a variable way, according to the social context, old age can only be understood in its entirety, that is, with its biological, psychological and social peculiarities that modify the individual's relationship with time, with the world and with its own history.

Keywords: History. Old age. Biological. Social Cultural.

RESUMEN: El trabajo se apoya en investigaciones teóricas guiadas por los fundamentos de la fenomenología y como objetivo mostrar las percepciones y entendimientos sobre la vejez, a lo largo de la historia, a partir de las descripciones del fenómeno de la vejez recogidas en varios autores que tratan el tema. La mirada dirigida por la pregunta permitió resaltar las unidades o núcleos de significados que expresan las experiencias vividas a través de sistemas que dejaron la huella del sentido percibido por las personas y, al mismo tiempo, la marca de la historia y la cultura, sacando a la luz la cuestión de la vejez como un hecho biológico, social y cultural, experimentado en todos los tiempos y espacios, independientemente de la voluntad humana; así como mostrar que la condición de lo viejo no era ni es la misma en todas partes y no en todo momento, porque: nacer, crecer, envejecer y morir tiene que ver con el ciclo de vida propio del hombre y de otros seres vivos. Con apoyo teórico, especialmente en Simone de Beauvoir y Cicerón, somos capaces de demostrar que el camino de este grupo de edad, hasta su afirmación en el imaginario cultural, está asociado a momentos históricos, culturas, conocimientos médicos, movimientos políticos e intereses distintos, estrechamente relacionados con el proceso de ordenamiento social y que por ser el resultado de la prolongación de un proceso, una realidad que trasciende la historia vivida de manera variable, según el contexto social, la vejez sólo puede entenderse en su totalidad, es decir, con sus peculiaridades biológicas, psicológicas y sociales que modifican la relación del individuo con el tiempo, con el mundo y con su propia historia.

Palabras clave: Historia. Vejez. Biológico. Redes sociales. Cultural.

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa é a atividade básica da ciência na indagação sobre as coisas do mundo e sobre o próprio homem em busca da apreensão, compreensão e construção de conhecimentos sobre a realidade. Por conta disso, toda pesquisa, seja ela teórica, documental ou empírica, envolve a relação entre um sujeito cognoscente e um objeto cognoscitivo, isto é, a subjetividade e a objetividade, visto que toda realidade social é constituída de fatos onde as expressões da inteligência, da vontade e da efetividade não podem deixar de ser levadas em consideração, porque o próprio objeto da pesquisa é obtido por recortes na realidade sociocultural onde se busca a constituição de uma totalidade relativa, mas significativa para um conjunto determinado de fenômenos, de atos humanos previamente definidos.

O estudo e as reflexões aqui apresentas estão sustentadas em pesquisa teórica orientada pelos fundamentos da fenomenologia tendo em vista não o ser, mas o aparecer da questão em estudo e teve por objetivo identificar e compreender como a sociedade humana percebeu e lidou com a questão do envelhecimento ao longo da História. A leitura das descrições do fenômeno com o olhar atento, orientado pela interrogação, forneceu os indicadores que possibilitaram destacar as características do mesmo, ou seja, as unidades ou núcleos de significados que expressam as experiências vividas através de sistemas constituídos que deixaram a marca do sentido percebido pelas pessoas e, ao mesmo tempo, a marca da história e da cultura, trazendo à luz a questão da velhice como fato biológico, social e cultural.

No desenvolvimento do trabalho buscou-se trazer para reflexão a questão da velhice como um fato natural dos seres vivos em todos os tempos e espaços que ocorre independentemente da vontade destes e que, por isso mesmo, a condição dos velhos não foi, não é e não será a mesma em toda parte e nem em todas as épocas porque: nascer, crescer, envelhecer e morrer tem a ver com o ciclo da vida próprio do homem e dos demais seres vivos. Buscou-se mostrar, também, que as etapas da vida humana não têm a ver, apenas, com as questões biológicas, mas, também, com as questões sociais culturalmente construídas no percurso da história, que faz o pêndulo da balança de a velhice pender ora para o negativo, ora para o positivo.

Com amparo teórico, especialmente em Simone de Beauvoir e Cícero, procuramos mostrar que as características dessa faixa etária e o seu percurso até se afirmar no imaginário cultural, está associada a momentos históricos, culturas, saberes médicos, movimentos políticos e interesses distintos, intimamente relacionados com o processo de ordenamento social. Por ser o resultado do prolongamento de um processo, uma realidade que transcende a história vivida de forma variável, conforme contexto social, a velhice só pode ser compreendida em sua totalidade, ou seja, com suas peculiaridades biológicas, psicológicas e sociais que modificam a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e com a sua própria história.

De todas as realidades, a velhice é, talvez, aquela de que conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata [...]. O adulto se comporta como se não tivesse que ficar velho nunca. [...] o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. [...]. Somos todos nós os interessados (BEAUVOIR, 2018, p. 8/11).

1 A fisiologia humana e o envelhecimento

Na teia da existência, o homem é apenas um fio e a vida humana caracterizada por, pelo menos, três fases: infância, maturidade e velhice. Na tessitura deste fio, o envelhecimento deve ser considerado como um processo progressivo de mudanças que ocorrem no interior do organismo humano, “geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte” (LANSING, apud BEAUVOIR, 2018, p. 15).

Como fenômeno universal, o envelhecimento é uma verdade biológica inelutável para todos os seres vivos. No ser humano, de acordo com Ribeiro (2012, p. 14), está associado ao aumento da fragilidade a doenças em função das modificações nas moléculas que compõem as células, tecidos e órgãos corporais. Por conta disso, o processo de envelhecimento não pode ser interrompido ou revertido. O que pode ser feito é a desaceleração do processo, ou seja, “protelar o aparecimento de algumas disfunções relacionadas à idade, através de comportamentos preventivos que envolve comer bem, se exercitar regularmente e não usar ou abusar de substâncias como o cigarro e o álcool” (RIBEIRO, 2012, p. 14).

Entre os povos antigos, conforme Simone de Beauvoir, a questão do trato da velhice está relacionada à medicina e a magia. A partir de Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.), “pai da medicina ocidental”, ao rejeitar as explicações míticas e mágicas para os problemas de saúde e de cura de doenças, fez com que a medicina, edificada na experiência e no raciocínio, adquirisse independência e conquistasse status de ciência. Para ele, assim como a doença, a velhice que tem início aos 56 anos, é resultado de uma ruptura do equilíbrio do organismo. A vida humana é comparada às quatro estações do ano, e a velhice, ao inverno. “Aconselha aos velhos a moderação, mas também sugere que não interrompam suas atividades” (BEAUVOIR, 2018, p. 21).

No século II, ao fazer uma síntese geral da medicina antiga, Galeno afirmará, ao conciliar a teoria dos humores com a do calor interior, que todas as funções fisiológicas ficam reduzidas ou enfraquecidas na velhice. Por conta disso é necessário “aquecer e umidificar o corpo do velho, que ele tome banhos quentes, que beba vinho e também que seja ativo” (BEAUVOIR, 2018, p.22). Essas ideias foram absorvidas e divulgadas durante séculos,

inclusive pela Igreja, pelos judeus e árabes islâmicos, fazendo com que na Idade Média o desenvolvimento da medicina fosse praticamente nulo e a velhice muito mal conhecida.

A partir do século IX, a escola Médica de Salerno (Itália), as questões da saúde e da longevidade passam a ser bem mais consideradas e estudadas. No século XIII, Roger Bacon sugeria controle dietético, repouso, exercícios moderados e bons hábitos de higiene como forma de prolongar a vida. Mas, somente no final do século XV irá surgir a primeira obra sobre a velhice, escrita pelo médico Zerbi (monografia intitulada *Gerontocomia*).

No século XVI, ações incomuns à época, o diagnóstico clínico e a administração de medicamentos altamente específicos foram introduzido na medicina por Paracelso. Até aquele momento a velhice era tratada como questão de higiene, sendo raras as indicações terapêuticas. No seu entendimento a doença era o resultado do ataque de agentes externos ao corpo e a velhice o resultado de uma intoxicação.

Numerosas obras sobre a velhice aparecem no século XVII, mas não despertam interesse. No século XVIII, no entanto, o progresso da Anatomia através do desenvolvimento da autópsia, irá trazer grande benefício aos estudos sobre a velhice, merecendo destaque neste particular: o trabalho de Fischer, Diretor do Serviço de Saúde da Rússia que, rompendo com as ideias de Galeno, descreve sistematicamente a involução senil dos órgãos; a obra do italiano Morgagni, chamado de pai da patologia moderna, publicada em 1761, com dedicação de parte dos estudos à velhice; a obra de Borelli e Baglivi que, introduzindo na medicina as ideias de La Mettrie, afirmam que: assim como uma máquina utilizada durante muito tempo se gasta, também o organismo se degrada ao longo do tempo. Esse entendimento conservou defensores até o século XIX.

Ainda no século XIX, Stahl irá desenvolver a ideia de que existe no homem um princípio vital, cujo enfraquecimento acarreta a velhice e a morte. Neste período três livros marcam, conforme Beauvoir (2018), a antecipação das descobertas do final do século XIX: o estudo fisiológico e clínico, baseado em observações, do médico americano Rush; o do alemão Hufeland, que afirma ser o organismo dotado de certa energia vital que se esgota com o tempo; e o de Seiler, obra dedicada inteiramente à anatomia dos velhos.

Também é nesse século que a medicina começa a se beneficiar do progresso da fisiologia e de outras ciências experimentais, possibilitando o desenvolvimento dos estudos sobre a velhice (geriátricos) de forma mais sistemática, possibilitada pela coleta de dados

clínicos favorecida pela criação de asilos, onde muitos velhos eram reunidos. É nessa época que Prus escreve, em 1840, o primeiro tratado sistemático sobre as doenças da velhice.

No fim do século XIX e no século XX, multiplicaram-se as pesquisas. Boy-Tessier em 1895, Rauzier em 1908, Pie e Bemamour em 1912 lançaram na França grandes obras de síntese. Muito importantes, também, foram, na Alemanha, a obra de Bürger, na América os trabalhos de Minot e de Metchnikoff, os dois publicados em 1908, e o do zoologista Child, em 1915 (BEAUVOIR, 2018, p. 26).

Em decorrência do aumento do número de idosos em todo o mundo, torna-se incontestemente a importância desses estudos a partir do século XX. De acordo com dados históricos, foi em 1903, que Élie Metchnikoff, fisiologista russo, sucessor de Pasteur, defendeu a ideia da criação de uma nova especialidade, a Gerontologia (do grego *gero* = envelhecimento + *logia* = estudo), como uma disciplina científica (multi e interdisciplinar) destinada ao estudo do processo de envelhecimento enquanto fase final do ciclo de vida, em suas dimensões biológica, psicológica e social.

O desenvolvimento dos estudos sobre a senescência, levou, segundo Freitas (2013, p.63), o médico fisiologista austríaco estabelecido nos Estados Unidos, Ignatz Nascher, a estabelecer em 1909, novas bases clínicas para a identificação das causas da velhice e, com isso, romper com as opiniões prevaletentes sobre o envelhecimento como patologia e a criar o termo Geriatria (grego *géron* = velho, idoso + *iatria* = médico, aquele que cura) para designar o estudo clínico da velhice e, mais tarde: fundar a *Sociedade de Geriatria de Nova York* (1912); publicar o livro *Geriatrics: the diseases of old age and their treatment, including physiological old age, home and institutional care, and medicolegal relations* (1914); e, em 1917, tornar-se o editor da sessão de Geriatria, criada pelo *The Medical Review of Reviews*, a primeira instituída para dar vazão ao conhecimento produzido nesta área.

A ênfase dos estudos nos processos fisiológicos e nos mecanismos do envelhecimento desafiou o "modelo patológico", foco principal dos pesquisadores médicos da época, fazendo com que, a partir de 1920, começassem a surgir as primeiras pesquisas e observações sobre a psicologia do envelhecimento humano, merecendo destaque a pioneira investigação de Stanley Hall, realizada em 1922, que gerou a publicação do livro *Senescence, the last half of life*, a mais completa obra sobre o assunto já publicado por um cientista social até aquele momento. Hall sugere em sua obra, que o envelhecimento é um processo múltiplo em que os organismos, por não serem iguais, envelhecem em tempos e ritmos diferentes, por isso mesmo não se tornam necessariamente comprometidos ao mesmo tempo (SILVA, 2016, p.210). Esse entendimento permanece até os nossos dias.

O que as observações e os estudos evidenciam são importantes diferenças entre os sujeitos de uma mesma idade. A idade cronológica e a idade biológica estão longe de coincidir sempre: a aparência física informa mais que os exames fisiológicos sobre a nossa idade. Esta não pesa da mesma maneira sobre todos os ombros. A senescência, diz o gerontologista americano Howell, ‘não é uma ladeira que todos descem com a mesma velocidade. É uma sucessão de degraus irregulares onde alguns despençam mais depressa que outros’ (BEAUVOIR, 2018, p. 35).

2 Concepções, imagens e atitudes a respeito da velhice

Não reconhecemos a velhice em nós, nem sequer paramos para observá-la, somente a vemos nos outros, mesmo que estes possuam a mesma idade que nós.

Simone de Beauvoir

As concepções, as imagens, as atitudes em relação à velhice nada mais são do que o resultado de uma construção social e temporal organizada no seio de uma dada sociedade em função de valores e princípios próprios, atravessados por questões culturais, sociais e ideológicas. Por conta disso, a velhice não se apresenta, apenas, como uma verdade empírica, biológica, mas também sociocultural por quanto sempre ocorre no seio de uma sociedade e depende estreitamente de sua natureza e do lugar que nela ocupa o indivíduo velho.

Assim, para compreender melhor o problema da velhice é indispensável examinar o lugar destinado aos velhos e a representação que deles se faz em diferentes tempos e lugares porque a compreensão da sua realidade e trajetória exige a identificação das ações e das atitudes positivas ou negativas que as várias comunidades humanas adotaram através do tempo e, a partir delas, tentar destacar as constantes e as diferenças para mostrar

O que a condição do velho comporta de inelutável, em que medida e a que preço poderia ser amenizadas as dificuldades e qual é, portanto, a parte de responsabilidade para com o idoso que se pode atribuir ao sistema no qual vivemos (BEAUVOIR, 2018, p. 14).

A forma de perceber o envelhecimento não foi única para todos os povos. A partir da visão de alguns expoentes da história universal, pode-se é possível fazer uma breve retrospectiva sobre o processo de envelhecimento, considerando as épocas vivenciadas por estes personagens. Se a questão da última idade for olhada de um ponto de vista exterior, conforme faz Simone de Beauvoir em sua obra “A Velhice”, é possível verificar que os mais velhos ocupam, dependendo da cultura, a mais alta ou mais baixa situação da escala social.

Em geral, as sociedades primitivas, principalmente àquelas desprovidas de língua escrita, cujo conhecimento era e é transmitido oralmente, tinham e tem uma postura positiva em relação aos velhos e os adotavam e adotam como sábio por serem eles os responsáveis pela transmissão para a comunidade dos saberes tradicionais adquiridos ao longo da vida

porque, segundo entendiam e entendem, sem suas memórias e seus conhecimentos a coletividade seria incapaz de dar continuidade às tradições e às atividades que exigem prescrições ritualísticas só conhecidas pelos anciões. Em muitas dessas sociedades os idosos asseguraram e asseguram através do tempo a coesão da comunidade. Foram e em muitos casos ainda são, os guardiões de tradições e sabedoria e os melhores árbitros em caso de conflito.

Contudo, em algumas delas, onde a tradição oral e a magia não têm muita importância, o velho muitas vezes foi e é considerado um fardo e seus conhecimentos e experiências, nada valem. Em outras, a idade não constitui nem decadência e nem fonte de prestígio e a condição do velho dependerá muito mais de suas capacidades e de sua fortuna. Nas sociedades sedentárias a condição dos velhos era melhor que nas nômades porque, como se locomoviam constantemente, os idosos sem condições de acompanhar o grupo eram quase sempre abandonados à sua própria sorte. Nessas sociedades as percepções sobre a velhice e as atitudes em relação a ela são diversas, singulares e contingentes. “O estatuto do velho nunca é conquistado por ele, mas lhe é outorgado” (BEAUVOIR, 2018, p 91). É a coletividade, em função do seu sistema de valores, que define o sentido e o valor da velhice e decide o destino do idoso.

Na Antiguidade, tanto nas mitologias quanto na literatura e na iconografia, a imagem da velhice varia de acordo com os lugares. Para muitos dos povos do Ocidente a velhice era vista, ora como portadora de conhecimentos e de equilíbrio, ora como uma fase penosa da vida e o pior dos infortúnios do homem. O velho, enquanto conservava uma eficácia, permanecia integrado à coletividade e não se distinguia dela, era um adulto de idade avançada. Mas quando perdia suas capacidades, torna-se praticamente um objeto. O primeiro texto dedicado à velhice, conhecido naquele tempo, foi escrito pelo filósofo e poeta Ptah-hotep em 2500 a.C, no Egito, e transmite uma triste imagem da velhice. Para o filósofo:

É penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor (BEAUVOIR, 2010, p. 97).

Entre o povo judeu, cuja existência tem origem em Abraão, a longevidade era a suprema recompensa da virtude e os ancestrais mensageiros de Deus. Por conta disso, o

velho era tratado com dignidade e respeito e ocupava papel importantíssimo na vida social, religiosa e política. Em seus escritos está posto: Levítico 19:32: “diante das cãs te levantarás, e honrarás a face do velho. Abençoada por Deus, a velhice exige obediência e respeito”; Josué 12:12: “com os idosos está a sabedoria, e na abundância de dias, o entendimento”; Provérbio 16:31: “os cabelos brancos são uma coroa de honra: é no caminho da Justiça que essa coroa é encontrada”.

Na antiguidade grega, tanto na História, quanto na Literatura encontramos divergências no modo de conceber e viver a velhice (*géra, géron*). Como categoria social, a velhice na Grécia daqueles tempos estava, quase sempre, associada à sabedoria, a experiência e a honra. O chefe da Pólis, o rei, era assistido por um conselho consultivo de anciões, *Gerúsia* (*γερούσία* = senado), composto por vinte e oito membros (*gerontes*), todos com mais de 60 anos, que ali permaneciam até a morte. Além de funcionar como Tribunal Supremo, a *Gerúsia* tinha funções administrativas e legislativas com poderes para condenar o próprio rei. Na Élide, por exemplo, 90 *gerontes* faziam parte da *Gerúsia*.

Na sociedade espartana, apesar ser sustentada pela força dos jovens e adultos, a velhice era honrada. Dispensados das obrigações militares, os homens de 60 anos ou mais eram encarregados de manter a ordem, formar a juventude e ajudar na administração da cidade como membro da *Gerúsia*, composta por 28 anciões escolhidos entre eles. Na sociedade ateniense, sustentada em valores éticos e políticos, as Leis de Sólon conferiam grandes poderes às pessoas idosas. Sólon afirmava ser desejável viver até os 80 anos e que não parava de aprender enquanto a sua velhice avançava. Naquela época, o Areópago, antigo supremo Tribunal de Justiça de Atenas, conhecido pelo senso de justiça e pela integridade, era composto por velhos arcontes (pessoas sábias ou magistrados com mais de 60 anos), situação que perdurou até 508/507 a. C., quando Clístenes estabeleceu a Democracia Ateniense e, com ela, mudanças no poder da velhice e em algumas formas de honrá-la.

A velhice é descrita pela maioria dos poetas gregos, de forma negativa. Minermo, sacerdote em Crotona, no século VI a. C., por exemplo, exalta os prazeres da juventude e do amor e diz detestar a velhice e preferir morrer do que envelhecer. Para ele,

Quando a juventude desaparece, mais vale morrer que viver [...]. Uma vez chegada a dolorosa velhice, que torna o homem feio e inútil, as inquietações malignas não deixam mais seu coração e os raios do sol não lhe trazem nenhum conforto. Foi assim que a velhice foi doada por Zeus – cheia de dores [...]. Pudesse eu, sem doença e sem tristeza, encontrar aos 60 anos a Parca e a morte (Idem, p. 105).

Teógnis de Megara, referindo-se à velhice diz: ‘Infeliz de mim! Desgraça! Ó juventude! Ó velhice que tudo altera! Esta se avizinha; aquela distancia-se’ (BEAUVOIR, 2018, p. 106). Anacreonte também fala da velhice como o lugar de perdas de tudo que fazia a doçura de viver e descreve o doloroso reflexo que seu espelho lhe devolve: “cabelos fanados, têmporas grisalhas, dentes estragados, além de se lamentar pela morte próxima” (Ibidem).

Na tragédia, criada por Ésquilo (524/455 a. C), apesar de retratar as tristezas dos velhos, quase sempre confere grandeza e nobreza aos anciãos. Nela o velho é sujeito, ou seja, é apresentado tal como existe na realidade. Na Comédia, criada por Aristófanes (dramaturgo e maior representante da comédia antiga), a representação da velhice é variável. Ora o velho é apresentado como sujeito real que merece respeito, ora como ridículos e decrépitos. Também Menandro (342/291 a. C.), sucessor de Aristófanes e principal influenciador dos romanos Plauto e Terêncio, uma idade demasiadamente avançada não é desejável porque, quem vive muito, tem uma velhice penosa. Sobre ela, assim se expressa:

Velhice, tu que és a inimiga do gênero humano, és tu que devastas toda a beleza das formas, tu transformas o esplendor dos membros em peso e a rapidez em lentidão. Uma vida longa é coisa penosa. Ó pesada velhice! Nada tens de bom para os mortais, mas pródigas dores e males. E, no entanto, todos nós almejamos alcançar-te, e nos esforçamos para ir ter contigo (MENANDRO in BEAUVOIR, 2018, p. 113).

Platão e Aristóteles, filósofos referências da Antiguidade, apresentarem compreensões distintas sobre a velhice e o papel do velho na sociedade. Para Platão, como a virtude emana do conhecimento da verdade e este só é alcançado através de uma educação que tenha seu início na criança e frutifique aos 50 anos, somente neste momento o homem filósofo estará apto a se tornar guardião da Pólis. Incentivador de atitudes propícias à prevenção da saúde e da profilaxia, afirma que o homem precisa se preparar para o envelhecimento desde a juventude. Em um dos diálogos entre Sócrates e Céfalos, contidos na sua obra *A República*, Platão elogia a velhice dizendo:

Quanto mais se enfraquecem os outros prazeres – os da vida corporal - tanto mais crescem, em relação às coisas do espírito, minhas necessidades e alegrias. [...] A velhice faz nascer em nós um imenso sentimento de paz e de libertação (PLATÃO, 2000, p. 3).

Em outro diálogo diz que cada vez mais os prazeres do corpo cedem lugar ao desejo, ao deleite e ao prazer da conversa. Vejamos:

Sócrates - Em verdade, Céfalos, eu aprecio conversar com os velhos. Penso que devemos aprender com eles, pois são pessoas que nos antecederam num caminho que também iremos trilhar, para isso conhecermos como é: áspero e árduo ou tranquilo e cômodo. [...]

Céfalos – Agrada-me. Sócrates, expressar meu pensamento. Cultivo o hábito de encontrar-me com pessoas da mesma idade. A maior parte de nós lamenta-se com saudades do prazer da juventude, ou recordando os gozos do amor, da bebida, da comida e de outros da mesma espécie, e agastam-se, como quem ficou privado de grandes bens, e vivesse bem então, ao passo que agora não é viver. [...] Ora eu já encontrei outros anciãos que não sentem dessa maneira, entre outros o poeta Sófocles [...] Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exatamente o que Sófocles disse: somos libertos de uma hoste de déspotas furiosos. (Ibidem, p. 7/8).

Na República platônica do rei filósofo, os mais velhos devem ocupar cargos que requeiram sabedoria e prudência: os corregedores que controlam os magistrados devem ter entre 50 a 75 anos; os guardiões de leis entre 50 e 70 anos e os homens com mais de 60 anos não devem mais participar dos cantos e das bebedeiras dos banquetes, e sim presidi-los e evitar os excessos. Para Aristóteles os males que atingem o corpo afetam o indivíduo como um todo, por isso mesmo é preciso que o corpo esteja são para que a velhice seja feliz, sendo a cultura o melhor conforto para a velhice. Aos velhos só se deve pedir sábios conselhos e sentenças corretas.

Uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter e, também do acaso. [...]. É preciso ter atingido uma certa idade para possuir a *frenosis*, esta sabedoria prudente que permite conduzir-se com equidade, e para ter acumulado experiência, saber comunicável porque vivenciado – e não abstrato. (ARISTOTELES in BEAUVOIR, 2018, p. 116).

Na Grécia do século I, d. C., com Plutarco (filósofo moralista e sacerdote de Delfos), que morreu aos 80 anos, vamos encontrar uma compreensão melancólica da velhice muito próxima de Aristóteles, que irá perpassar toda a Antiguidade.

Ora, parece que o outono é como a velhice do ano que completa sua revolução: pois a umidade ainda não veio, e o calor se foi ou já não é forte e, sinal de friagem e de secura, este outono predispõe os corpos às doenças (PLUTARCO in BEAUVOIR, 2018, p. 118).

Na Roma Antiga, a conservadora, coerente e ordeira República era conduzida pelo poderoso Senado (*Senatus*), palavra derivada de *senex* (homem velho), formado por uma assembleia ou conselho de anciãos de ricos proprietários fundiários, com imensas prerrogativas, entre as quais: a direção de toda a diplomacia romana e dos comandos militares; a administração das finanças e o julgamento dos delitos graves.

Não se chega às altas magistraturas senão numa idade bastante avançada: a “carreira das honras” é cuidadosamente regulamentada, a tal ponto que é impossível fazer uma carreira fulgurante. Por outro lado, o voto dos velhos tem mais peso que o dos outros cidadãos (BEAUVOIR, 2018, p. 119).

Com a decadência do sistema oligárquico haverá, também, a perda do domínio dos idosos junto ao Senado que passa, então, às mãos dos militares, ou seja, de homens mais jovens. É nesse cenário de fortes mudanças que surge em 44 a.C., a obra *De Senectude*, um tratado sobre a velhice, escrito pelo estadista, orador e filósofo romano Marco Túlio Cícero, aos 63 anos de idade. Talvez seja esta a mais importante obra sobre o envelhecimento da Antiguidade que transpõe espaços e atravessa os tempos e nos chega trazendo importantes reflexões em defesa da velhice.

O tratado sobre a velhice tem como principal escopo, demonstrar que a idade não desqualifica os senadores e, conseqüentemente, os velhos. Suas extraordinárias reflexões e seu entendimento sobre a velhice em *De Selectude*, apresentados através de diálogos, à maneira grega, tem como protagonista seu amigo Marco Catão e os jovens homens públicos Lélío e Cipião cujo objetivo é desfazer, através de exemplos colhidos na vida romana da época, nas leituras gregas e na vida de eminentes personagens, os motivos que, para muitos velhos, a velhice é uma deplorável etapa da vida. Para Cícero, uma vida satisfeita e feliz, independentemente da idade precisa ser soerguida na

Obediência às leis da Natureza e no conformismo estoico da finitude humana. A Natureza é a grande mestra da vida e deve ser seguida e obedecida como a um preceito divino; lutar contra ela é esforço vão e inglório; se a infância, a adolescência e a maturidade do homem foram sabiamente ordenadas, por quê a última quadra, a velhice, seria descuidada? Sendo a vida humana um produto da Natureza, é compreensível que tenha um fim, tal qual ocorre com os produtos da terra e os frutos das árvores (CÍCERO, 1998, p. 34).

Para Cícero, aqueles que não encontram em si mesmos as razões para uma vida feliz e satisfeita, todas as idades são penosas; ao contrário, os que buscam os bens dentro de si mesmos não podem ver como um mal o que, por imposição da Natureza, lhes está reservado. Não deixa de reconhecer, no entanto, que para aqueles que não possuem, eles próprios, qualquer recurso para viver bem e com felicidade, mesmo para um sábio a velhice pode ser uma idade dolorosa. No entanto, são muitos que, mesmo na riqueza, julgam a velhice pesada e incomoda.

Consules próximos ao meu Consulado costumavam reclamar não só da carência dos deleites, sem os quais intolerável julgavam a vida, mas também porque não mais tinham o apreço daqueles que costumavam cortejá-los. A mim me parecia que não acusavam o que deveria ser acusado, e isto porque, se tal acontecesse por culpa da velhice, o mesmo aconteceria a mim e a outros velhos, e a muitos conheci que lamento algum tinha da velhice e não consideravam um mal verem-se livres dos laços dos deleites, nem eram menosprezados pelos amigos de outrora. (CÍCERO, 1998, p. 63).

Entende ser lamentável que a humanidade, após longa caminhada no tempo, não tenha aprendido a olhar a morte como fato natural da vida e a velhice como a cena final da peça que constitui a existência. Todavia, para não causar preocupação exagerada, o

problema da finitude do homem que acontece com a morte, deve ser pensado e tratado desde a tenra idade como algo natural porque, mesmo sem saber o dia, a morte virá para todos.

Na velhice a melhor maneira de encarar o término de nossos dias é deixar que a Natureza desfaça a obra que ela mesma construiu. [...] Quem será tão insensato, ainda que seja moço, que pense que vai viver eternamente! Por que fazer disso motivo de queixa à velhice, se é um risco que a juventude também compartilha com a velhice? O velho, de fato, não tem esperança de longa vida futura. Em tal, está melhor do que o moço porque o que este espera, o velho já conseguiu. O moço espera longa vida; o velho já a teve. Que há de mais natural morrerem os velhos? (Ibidem, p. 151).

Diferente disso, Plínio, o Velho, afirma que uma vida breve é o maior benefício que a natureza nos pode dar, porque na velhice os sentidos são embotados, os membros entorpecidos, a visão e a audição diminuídas e as pernas enfraquecidas. Nessa mesma perspectiva se colocam os jovens poetas Horácio e Ovídio ao afirmarem que: “com a velhice, desaparece tudo que fazia a doçura de viver”. (BEAUVOIR, 2018, p. 127). Públio Ovídio Naso (um dos maiores poetas romanos do final do século I a.C. e início do século I d.C., assim como Décimo Júnio Juvenal (poeta e retórico romano, autor das Sátiras do final do século I e começo do século II), estão entre aqueles para quem “o preço de uma longa vida são as perdas constantemente renovadas, os lutos contínuos em meio a uma eterna tristeza” (BEAUVOIR, 2018, p. 128). Sêneca, preceptor de Nero, expressa nas *Epístolas a Lucídio*, cem anos mais tarde, ideias semelhantes às de Cícero. Segundo ele, a velhice é boa como tudo que é natural e não acarreta nenhuma decadência. Nas *Epístolas* 12 e 20 diz:

A colhamos bem a velhice, amemo-la; ela abunda em doçuras, se dela soubermos tirar partido. [...] é uma época delicada, aquela na qual deslizamos no declive dos anos, num movimento que ainda não tem nada de brutal [...] A alma está no seu verdor e desabrocha, por não ter mais com o corpo grande comércio (SÊNECA apud, BEAUVOIR, 2018, p. 127).

Conforme ensina Beauvoir (2018), tanto os autores gregos quanto os romanos não abrem praticamente nenhum espaço para a velhice destituída de importância social. Quando o fazem, diferentemente da velhice do sábio, do homem abastado, a colocam como o pior dos males. Também não há quase nenhum espaço destinado à mulher velha. Quando dela tratam, a descrevem com horrenda aparência. Horácio, por exemplo, diz que a “velhice cava rugas em sua frente... seus seios são flácidos como as mamas de uma jumenta” (BEAUVIOR, 2018, p. 128). Ovídio, em sua obra “Os tristes”, diz que a velhice é impiedosa e evoca com melancolia o futuro rosto de Perila, a mulher amada:

Esses traços encantadores se alterarão com o desgaste dos anos; fanada pelo tempo, essa fronte ficara sulcada de rugas; essa beleza se tornará a vítima da impiedosa velhice, que passo a passo, sem ruído avança. Dir-se-á: ela era bela. E tu hás de desolar-te, de acusar teu espelho de infidelidade (Ibidem, p. 129).

O esmaecer do mundo antigo é marcado, principalmente, pela invasão dos bárbaros e o triunfo do cristianismo. Com os bárbaros, cuja sociedade era dominada por guerreiros e conquistadores que viviam para lutar, os homens morriam muito cedo, por isso mesmo, os velhos eram pouco numerosos e a velhice destituída de importância e significado. Também o Cristianismo que se impôs no seio do Império Romano, não promoveu ganhos significativos para a velhice. Apenas merecem destaque como ações positivas destinadas aos velhos, a criação de asilos e hospitais, a partir do século IV.

Na Idade Média, onde os vestígios sobre a questão da velhice são muito pobres e nos chegam, quase sempre, através da literatura e da iconografia. Nela o homem idoso sem capacidade física para realizar o duro trabalho com a terra foi, com raríssimas exceções, excluído da vida social e muitas vezes levados à mendicância. Com o surgimento da sociedade feudal e a organização da vassalagem, a partir do século VIII, o papel do idoso é muito apagado, contudo a ligação de vassalagem subsiste até a morte, apesar de relegada à sobra, não desaparece quando a idade torna o cavaleiro incapaz.

Nesse período, os casos mais conhecidos sobre uma pessoa velha retratados em escritos são o do Rei Arthur; Lancelote; Guinevra; Gauvin que tinham mais de 60 anos e agiam como se estivessem na força da idade. A literatura da alta Idade Média não demonstra interesse pelos velhos, a única exceção é Carlos Magno, cujos feitos aparecem em vários escritos que atravessam os tempos. Em *La Geste du Roi*, por exemplo, inúmeras narrativas compostas nos mosteiros, o apresentam como um magnífico velho de barba e cabelos brancos.

Também a literatura dos séculos XI, XII e XIII nos ensina muito pouco sobre a velhice. Como nos séculos anteriores ela não se interessa pelo assunto, mas na medida em que, especialmente, os clérigos passam a tratar da questão, demonstram uma atitude negativa em relação a ela. Esse período continua a ressaltar e a exaltar os valores da juventude e da bravura não encontrados nos velhos, tidos como detentores de “mãos geladas e nervos enferrujados”. Mesmo entre os plebeus, a dureza da sociedade obriga os homens de idade a se afastarem da vida ativa. No meio rural o destino do velho não era diferente. Conforme os escritos, em toda a Europa a situação dos velhos aparece como extremamente

desfavorável, seja entre os nobres, seja entre os camponeses. A força física prevalecia e os fracos não tinham lugar.

Dante Alighieri (1265-1321), o maior poeta italiano medieval e autor do poema épico “A Divina Comédia”, descreve a velhice de um ponto de vista religioso e espiritualista. No *Festim*, ele compara

A linha da vida humana a um arco que sobe da terra ao céu, até um ponto culminante, de onde principia a descida. O zênite situa-se nos 35 anos. Depois, o homem declina lentamente. Dos 45 aos 50 anos, é o tempo da velhice. A seguir, é a grande velhice. [...] a última idade aparece essencialmente como o tempo em que nos preparamos para a morte (BEAUVOIR, 2018, p. 148/149).

Em toda Europa surgem obras que seguem nessa mesma direção e até o final da Idade Média, a precariedade da vida continuava e a longevidade era rara, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Quando Carlos V morreu em 1380, com 42 anos, era considerado um velho sábio. A Renascimento, a partir do século XIV, apesar de ter prolongado as tradições da Idade Média procura, especialmente no século XV e XVI, através de uma ideia nova e harmoniosa do homem, promover o humanismo. Mas, no que se refere à velhice em si mesma, a literatura dessa época muitas vezes parece não ter maior benevolência do que nos séculos anteriores.

Contudo, ao lado das obras que apresentam os velhos, mulheres e homens, como objetos sem dignidade e valor, um pequeno número de obras os integram à comunidade humana e procuram mostrar que envelhecer faz parte de todo ser vivente. Dedicam-se a essa tarefa, entre eles, Erasmo de Rotterdam, cujas reflexões apresentam em um de seus *Colloquia*, ensinamentos morais e de civilidade, procurando mostrar à sociedade, um espelho de si mesma; Jacques Yver que, em *Le Printemp* aconselha os jovens a aproveitarem seus belos dias, porque a velhice não tardará; Pierre de Ronsard ao tratar da velhice afirma que a juventude está ameaçada por um futuro de tristeza e feiura. Tratando de sua própria velhice, rebela-se contra o peso dos anos dizendo que: ‘o verdadeiro tesouro do homem é a verde juventude e o resto de nossos anos não são mais que invernos’ (Idem, p. 164); Théodore Agrippa d'Aubigné, ao lançar um olhar direto sobre a realidade da velhice, a compara ao inverno, mas, a partir de sua própria experiência, faz deste a estação do lazer sereno e não uma frieza estéril; Michel de Montaigne, no entanto, recusa-se tanto a exaltar quanto zombar da velhice, procurando compreendê-la na sua realidade afirma:

Quanto a mim, tenho por certo que, a partir dessa idade, tanto o meu espírito quanto meu corpo diminuíram mais que aumentaram, e recuaram mais do que avançaram. É possível que, para aqueles que empregam bem o tempo, a experiência

e a ciência cresçam com a vida; mas a vivacidade, a prontidão, a firmeza e outras particularidades muito mais nossas, mais importantes e essenciais, se fanam e se enfraquecem (Idem, p. 166).

Segundo Beauvoir, desde o Egito Antigo até o renascimento

Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. Seja exaltando-o, seja aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês. Esconde-o, ao invés de revelá-lo (BEAUVOIR, 2010, p. 171).

Após passagem rápida pela Idade Média aporta-se no século XVII, início da modernidade, em busca da visão a respeito da velhice e o tratamento a ela dispensado. No século anterior, na Inglaterra, houve um grande aumento populacional nas cidades em função das migrações de trabalhadores rurais para áreas urbanas em busca de trabalho. Como nem todos conseguiam, aumentou consideravelmente o número de pessoas que ficavam perambulando pelas ruas inglesas, gerando diversos problemas sociais. Isto fez surgir através de ações conjuntas da realeza e do parlamento, em 1601, no final do reinado da Rainha Elizabeth, a Lei dos Pobres (Old Poor Law), que aperfeiçoava outra norma de 1597 e tinham por objetivo principal prestar, através da Igreja, assistência social para os desvalidos e os velhos.

A Lei consolidou a ideia de que o Governo é responsável pelos pobres e pelos velhos desamparados. Não concedia apenas auxílio financeiro para aqueles que não tinham trabalho ou condição de sustento, mas também determinava que os homens capazes prestassem serviços para a Igreja em asilos e albergues e obrigava as crianças a frequentarem a escola. Talvez seja possível dizer que a referida lei é o embrião do que hoje se chama Estado do Bem-Estar Social.

Conforme Beauvoir, o século XVII foi muito difícil para a humanidade. A dureza do trabalho, a subalimentação, a falta de higiene, levavam a que as pessoas envelhecessem muito cedo. Camponesas com 30 anos já estavam enrugadas e prostradas. Mesmo os abastados: reis, nobres e burgueses, morriam entre 48 e 56 anos. Nessas circunstância, o respeito recaía sobre o homem opulento, o proprietário, o dignatário, e não na idade porque, a velhice em si mesma, não inspirava nenhuma consideração.

Ao denunciar os estragos que a velhice proporcionava, William Shakespeare, poeta, dramaturgo e ator inglês, compara a existência humana ao desenrolar do ano, ou de um dia ou, ainda, dos dois ao mesmo tempo e afirma que a velhice é o inverno, o crepúsculo da vida

no qual desaparecerão todas as riquezas da juventude e que a velhice não é limite da condição humana, mas a sua verdade, sendo a partir dela que devemos procurar compreender o homem em sua aventura terrestre.

Em toda a Europa, a partir da metade do século XVIII irá ocorrer um crescimento e rejuvenescimento da população e aumento significativo da população envelhecida, especialmente nas classes privilegiadas, visto que entre os camponeses, a velhice continuava a chegar muito cedo. Vergado pelo duro trabalho, já aos quarenta anos começava a decadência física. Com a assistência pública, a miséria dos deficientes e dos velhos foi atenuada levando a que, mais tarde, os adultos passassem a reconhecer-se na velhice e, com isso, valorizá-la. “Os sexagenários misturavam-se à vida social: iam ao teatro, frequentavam os salões. [...] uma bela memória fazia com que o convívio social deles fosse apreciado” (Idem, p. 191). A importância dada ao idoso entre 1789 e 1790 levou a que, em todas as festas, ele ocupasse lugar de honra e presidisse os eventos.

No século XIX, as mudanças ocorridas na Europa, especialmente o progresso da ciência, o aumento populacional em geral, e das pessoas envelhecidas em particular, vão ter significativo reflexo na condição dos velhos e na ideia que a sociedade faz da velhice, levando a que os “mitos da velhice” sejam substituídos pelos conhecimentos, especialmente os da área da medicina. Essa nova etapa da sociedade imprimirá mudanças significativas no curso da vida humana e possibilitará a ressignificação do sentido da palavra velhice, que passa a ser entendida como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais.

Até o início do século XIX, as sociedades pré-industriais não faziam uma separação nítida e nem estabeleciam especializações funcionais para cada idade. Fatores demográficos, sociais e culturais combinavam-se de tal modo que a diversidade de idades entre as crianças de uma mesma família, a ausência da regulamentação de um tempo específico para o trabalho e a coabitação de famílias extensas, não favoreciam a fragmentação do curso da vida em etapas determinadas. É somente nesse século que irá surgir, de forma gradual, as diferenciações entre as idades.

O reconhecimento da velhice como uma etapa única é parte tanto de um processo histórico amplo – que envolve a emergência de novos estágios da vida como infância e adolescência –, quanto de uma tendência contínua em direção à segregação das idades na família e no espaço social (SILVA, 2008, p. 45).

A partir do século XX e florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade possibilita a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. A ênfase

é dada à juventude, à beleza, à autonomia, à independência e à habilidade de ser produtivo ou reprodutivo. Estar ou ser velho, assume uma conotação negativa, remetendo à perda de atributos não apenas pela sociedade, mas, também, pelo próprio idoso.

3 A Velhice na sociedade atual

Sabemos que o estudo sobre a velhice ou *senescência ou senectude* é bastante recente. Em termos gerais o processo vem se desenvolvendo de forma gradual e, simultaneamente, com as grandes transformações sociais, econômicas e demográficas ocorridas a partir do final do século XIX, especialmente na área médica e nos discursos de teóricos e legisladores sociais, o que possibilitou a criação de instituições e legislação específicas destinadas a essa faixa etária.

Os estudos desenvolvidos levaram a que, em 1928, fossem criados os primeiros grupos de pesquisa na Universidade de Stanford, nos EUA, sobre aprendizagem, memória e tempo de reação dos velhos e que, em 1946, fossem fundadas a *Gerontological Society of America*, a *American Geriatric Society* e a *Division of Maturity and Old Age da American Psychological Association*. Tais ações foram motivadas pelo aumento do interesse sistemático da ciência pela velhice, pelas projeções demográficas indicativas da aceleração do processo de envelhecimento populacional que os EUA e outros países industrializados estavam sofrendo.

Ao período marcado pela caracterização da velhice como categoria social, tendo por base o processo de degeneração física e de invalidez (carente, dependente e improdutivo) e aquisição de direitos específicos tais como pensões e aposentadorias seguiu-se um período no qual a sua importância social cresce consideravelmente. De acordo com Lenoir (1979), a generalização dos sistemas de aposentadoria como o fator responsável pela modificação dos regimes de cuidado da velhice na França, entre 1945 e 1960, faz nascer a distinção entre velhice e indigência, assim como possibilitar o surgimento de instituições destinadas à gestão da velhice e às dirigidas ao cuidado da indigência. Tal processo de distinção aprofunda a autonomia da primeira em relação à segunda. Groisman (1999) e Debert (1999) destacam as décadas de 60 e 70 como o segundo período mais marcante para a história da velhice. Nesse período, a unificação dos discursos especializados a colocam como problema coletivo com plena visibilidade social.

Essa atitude, conforme Lenoir (1979), levou a criação, em 1956, do termo terceira idade pelo médico gerontologista francês, Jean-Auguste Huet, quando em uma Assembleia Municipal de Paris, ao tratar dos direitos dos aposentados, referiu-se àqueles que faziam parte daquela classe como sendo pessoas que vivem a sua “troisième âge”, ou seja, a sua “terceira idade”. A partir de então, tornou-se corrente associar essa expressão à primeira fase

do envelhecimento. A dedicação de Huet à questão do envelhecimento o levou a fundar em 1961, a Sociedade Francesa de Gerontologia.

Segundo alguns estudiosos do envelhecimento, as mudanças que surgem sobre a questão nos cenários francês e inglês por volta de 1950 e irá se legitimar a partir da década de 1980, decorrem dos estudos desenvolvidos pela Gerontologia e pela Geriatria; da forma de enxergar e tratar a velhice; dos novos sistemas de aposentadoria que se estendem a todas as classes de trabalhadores; da reorganização dos agentes de gestão que dão início a elaboração de uma política da velhice, trazendo consigo a noção de terceira idade.

Parecer conclusivo- Sentidos e significados

Enquanto viventes, somos todos “a morada da futura velhice”. Só não ficará velho quem fenecer antes. Apesar disso, o que parece claro é a nossa recusa em nos reconhecer no velho que iremos ser, quando nada deveria ser mais evidente.

Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem a vida do ser humano em: primeira idade: 0 - 20 anos; segunda idade: 21 - 49 anos; terceira idade: 50 - 77 anos; quarta idade: 78 - 105 anos. A literatura sobre o envelhecimento tem classificado essa faixa etária da seguinte forma: 60 a 74 anos como **idosos** participantes da terceira idade; 75 a 90 anos, como **anciãos**; 90 anos em diante, como **velhice extrema**. Assim, para melhor compreensão do sentido dos termos, entendemos ser necessário estabelecer a distinção entre as palavras: envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade, mesmo que todas elas se refiram ao mesmo fenômeno.

A palavra **envelhecimento** diz respeito ao processo natural do envelhecer do organismo através de alterações no corpo e na mente do organismo desde o nascimento. A expressão **velhice** representa um estado, uma condição do indivíduo na última fase do processo do envelhecer, independente de condições de saúde e que pode vir acompanhado de perdas psicomotoras, sociais, culturais, etc. O vocábulo **idoso** foi criado para substituir os termos **velho** e **velhote** e designar qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade. O termo **terceira idade** foi criado para designar uma parcela da população idosa, com 60 anos ou mais, que se encontra no início do processo de envelhecimento e tem uma vida produtiva e condições para aprender, ter experiências significativas e autonomia para cuidar de sua própria vida. Foi adotado pela Organização Mundial da Saúde – OMS, a partir de 1982, para designar as pessoas na faixa etária de 65 anos, nos países desenvolvidos e 60 anos, nos países em desenvolvimento.

Como sugere “L’invention du troisième âge”, a palavra **terceira idade** emerge em meio a debates acerca da responsabilidade social e a necessidade de políticas públicas que contemplem a situação das pessoas acima de 60 anos e realiza um corte na ideia de velhice, promovendo uma separação entre os jovens velhos e os mais velhos. Infelizmente a palavra **velhice** ainda carrega, até hoje, uma série de conotações pejorativas que estigmatiza a pessoa idosa. Diferente disso, o termo terceira idade traz consigo uma conotação menos excludente e faz uma ponte entre o passado e o presente, assim como a juventude estabelece uma ponte entre o presente e o futuro.

A modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família (SILVA, 2008, p.161).

Conforme Lenoir (1979), a partir da década de 60, a designação 'velho' não é mais adequada para nomear esses sujeitos e seu estilo de vida. Para substituí-lo surge o termo “idoso”, menos carregado de estereótipos. O aumento da população envelhecida traz consigo a imagem de uma velhice associada à arte do bem viver, fazendo surgir a categoria “terceira idade”, indicativa de uma nova e positiva imagem da velhice. Essa nova categoria etária não substitui ou nega a categoria velhice ou idoso, e representa o tempo entre a maturidade e a velhice e a transformação da imagem das pessoas envelhecidas.

Os estudos e as mudanças ocorridas, levaram a que na Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento da População, ocorrida em Viena, em 1982, a Organização das Nações Unidas (ONU), aprovasse através da Resolução 39/125, o Plano Internacional de Ação sobre o envelhecimento e estabelecesse que, nos países em desenvolvimento, a pessoa deve ser considerada idosa quando possui 60 ou mais anos de idade; e que nos países desenvolvidos a idade limítrofe seja de 65 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS), segue o mesmo entendimento da ONU.

As preocupações dessas organizações com a pessoa idosa, levou a que, praticamente o mundo todo, passasse a desenvolver políticas de atenção ao envelhecimento. Todavia, apesar dos esforços e dos ganhos, a humanidade ainda não conseguiu uma significativa integração entre jovens e os mais velhos. O que parece estar prevalecendo é a qualificação do potencial da juventude em detrimento da velhice, vista ainda por muitos como improdutiva e decadente. Também continua a existir a não aceitação da aparência da velhice,

pelo próprio velho. A tal ponto isto acontece, que na busca aparente da juventude através do bisturi, a “varinha mágica” da atualidade, muitos morrem, especialmente mulheres.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Trad. de Maria Helena Franco Martins – 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CÍCERO, M. T. **Catão, o Velho ou Diálogo Sobre a Velhice**. Trad. de Marino Cury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

LENOIR, R. Objeto Sociológico e Problema Social. In: MERLLIÉ, D. **Iniciação à Prática Sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. <https://doi.org/10.1590/S010459702008000100009>.

VELLAS, P. **Le Troisième Souffle**. Paris: Bernard Grasset, 1977